trabalho crítico com os conceitos



Velhice: do destino às escolhas, um caso clássico de eutanásia

Ângela Mucida

destino e escolha

Desenvolvi em um livro recentemente publicado[1] proposições relativas ao conceito de velhice e gostaria de retomar uma delas, velhice e destino, para localizar sua relação com o conceito de escolha e analisar a problemática da eutanásia à luz do caso Freud.

[1] Mucida. *O sujeito não envelhece – psicanálise e velhice* (2004, p.39-41).

Uma primeira observação se refere ao uso do singular e do plural em relação aos conceitos de destino e escolha. Optamos por ler em Freud e Lacan o uso do singular como fato de estrutura, quer dizer, refere-se ao primordial, fundamental e imodificável. Temos nessa direção o recalque originário, o trauma originário, a repetição fundamental, o inconsciente atemporal, o fantasma, o sujeito que não envelhece e o desejo primordial. Já o plural se refere àquilo que faz cadeia, reescreve, transcreve ou traduz alguns dos primeiros traços, já que nem todos podem ser traduzidos.

Esse modo de funcionamento mental traduz, no texto freudiano, a energia ligada e seus dois modos de funcionamento: condensação e deslocamento. Nessa direção, podemos pensar os recalques posteriores, os traumas secundários, as formações do inconsciente, o desejo metonímico etc. O modo de funcionamento psíquico secundário se relaciona à noção de tempo que faz intervalo – à diferença do atemporal marcado pelo inconsciente – e busca certo tratamento do real em cena.

Destino é uma palavra que se presta a muitos sentidos, inclusive opostos: fatalidade, determinado pela providência ou pelas leis naturais, um acontecimento (bom ou mau) não sendo necessariamente uma fatalidade, fortuna, sorte, fado, o que há de vir, objetivo ou fim para o qual se reserva algo. Etimologicamente, conforme o dicionário *Houaiss*, destino vem do latim *destin, destinatì* – deliberação e determinação – composto pelo elemento *Sta*. Este elemento tem múltiplos sentidos: estar estendido no chão, estar imóvel, permanecer firme, estar em postura de combate, estar com saúde, prosperar etc.[2] É interessante essa dupla via etimológica que assinala para destino o caráter de atitude ou decisão, mas que, ao mesmo tempo, implica certo cálculo sobre o que se decide.

[2] Houaiss. *Dicionário eletrônico* (2001).

Na obra de Freud, são inúmeros os momentos nos quais ele utiliza a palavra destino. Ela surge acoplada ao inelutável a que todos os sujeitos são submetidos – real, no sentido lacaniano –, caminho traçado e determinado, aliado à repetição, bem como parte constitutiva de uma determinada construção, passível de inscrever o novo. Ele foi incisivo ao afirmar em *Além do princípio do prazer* (1920) que o destino é uma armação do neurótico, indicando com isso que reside aí a determinação do inconsciente e, portanto, uma implicação irremediável do sujeito ao seu destino, mesmo que ele não se reconheça aí. Em outras palavras, há uma relação intrínseca entre destino, implicação subjetiva e a forma específica de gozo.

Suportando-se por uma perda inicial e irremediável da qual não há como fugir e instaurando o desamparo primordial e a repetição, o destino guarda sempre a possibilidade de reedições em diferentes destinos. Se algo retorna e insiste em ser escrito, o não cessar de se escrever, não cessando, impõe ao sujeito um tratamento, uma direção, já que não pode ser apagado. A associação entre destino e atitude nos leva a pensar inclusive em sua relação com o ato, tal como formalizado por Lacan em *O ato psicanalítico* (1967-1968)[3], pois aí o sujeito está implicado, bem como aquilo que causa seu desejo, mesmo que persistindo sob uma cota de alienação, promove uma suspensão do saber, acarretando efeitos precisos sobre o sujeito.

[3] Lacan. *O Seminário: O ato psicanalítico* (1967-8), (Inédito, aula de 10 de janeiro de 1968).

Tudo isso não é alheio à concepção de escolha forçada, tal como concebida por Lacan. A conjunção entre escolha e algo que foi forçado indica que não se trata de qualquer escolha; esta se situa na contramão do que o discurso capitalista atual tenta vender como "livre escolha". Da mesma forma que o destino fundamental, o conceito de escolha forçada ou a alienação fundamental em Lacan remete a algo primordial da constituição do sujeito que implica sempre uma perda, assim como escreve uma marca da qual ele não pode jamais se esquivar.

Não deixa de ser interessante assinalar ainda a conjunção sinonímica entre forçado e pressionado, pois a pressão, em psicanálise, reenvia-nos a uma força contínua, sem trégua, diante da qual o sujeito não tem como fugir. Isso faz cadeia com a idéia de destino, anteriormente assinalada, e com os conceitos de recalque originário, pressão pulsional, repetição e desamparo. Assim, malgrado a alienação fundamental imponha a cada um o irremediável do encontro com o Outro, com tudo que isso implica de perda, limite e falta, é a partir disso que o sujeito pode responder à falta estrutural com as mais diversas escolhas e destinos que tocam seu desejo fundamental.

Destino e escolha são, portanto, inscrições dos significantes mestres sobre o sujeito e traçam sempre uma marca, a mais particular possível e da qual nenhum sujeito pode se esquivar. Como fato de estrutura, a escolha metaforizada por Lacan como "a bolsa ou a vida" – escolhendo-se uma, perde-se inevitavelmente a outra – demonstra a tese de que o sujeito é efeito de uma escolha perdedora, colocando-o irremediavelmente responsável por todas as outras escolhas possíveis que fazem laço com essa primeira e mais fundamental. Aí está toda armação neurótica para dar conta do real inscrito desde sua entrada na linguagem. Mesmo que o neurótico queira se esquivar dele, não há como apagá-lo.

O fundamental dessa escolha primordial, portanto, é que, a partir da perda inaugural e estrutural, no caso da neurose, algo pode ser reeditado, traduzido; entra-se na possibilidade de um segundo tempo que permite um tratamento da ferida inaugural implantada no ser pelo trauma do recalque. O que a psicanálise busca é – ao operar com a escolha e com o que de destino toda relação tem com o real pulsional – tornar o sujeito responsável por sua determinação.

velhice, destino e escolhas

Enquanto destino, a velhice indica que cada um envelhece e inscreve sua velhice apenas de seu próprio modo, em conformidade com sua forma de gozar: forma de inscrição de seus significantes mestres. A velhice não traz em cena uma outra estrutura e, muito menos, uma nova forma de gozar. Todavia, se a forma de gozar indica o que para o sujeito insiste em se escrever sempre, há algo que vigora para além do *automaton* da repetição, nomeado por Lacan de *tychê*, e que permite a inscrição do novo. Dito de outro modo, o que não envelhece, fixo e imodificável, se entrelaça àquilo que passa no tempo e permite trazer o novo.

A velhice, como destino particular, permite ainda afirmar que ela se mede pelos atos. São eles que permitirão a passagem de um destino nem sempre divertido, prescrito tantas vezes pelo real do corpo e por um saber geral, ao saber não-todo e particular de como cada um pode conduzir sua velhice. Os atos permitem atualizar o que passa no decurso do tempo, transformando destino e escolha. Vale lembrar que Lacan, a propósito dos efeitos do ato sobre o sujeito, referiu-se a travessia do Rubicão por César, que, em vez de se "aposentar", tornou-se o responsável por uma mudança do curso da história romana.

Assim, a tese de que cada um só envelhece concernido à sua forma de gozar é paradoxal: tanto indica o que permanece e não envelhece jamais quanto impõe uma nova escrita. Se nem tudo pode ser escrito, falta o objeto nessa inscrição significante, abrindo-se a possibilidade de que cada um busque formas inéditas de conduzir o real da velhice. Se há o inevitável da velhice e suas perdas bem reais, se há o imodificável, ele só o é sob a guarda do mais particular que habita cada sujeito. Nessa direção, não há uma velhice natural. Ela é sempre atravessada pelo campo da linguagem que habita o sujeito e seus traços. Mas, como um dos nomes do real, ela é particularmente propícia ao surgimento do desamparo e demanda uma condução do real. O desamparo, presente de forma por vezes muito gritante na velhice, relaciona-se intimamente com a maneira que o sujeito pode conduzir o desamparo em sua vida. Não há uma "regra de ouro" para lidar com o real e cada um somente o faz à custa de suas próprias marcas e escolha.

De toda forma, mesmo não escolhendo, o sujeito é escolhido, uma vez que diante do encontro com o real primordial, o trauma fundamental, há sempre uma resposta. Na neurose, a resposta inaugural impõe ao neurótico a busca de possíveis perguntas diante das quais ele nunca se sente completamente adequado, pois elas transitam pela contingência da vida.

Freud – velhice e eutanásia[4]

Quando se pensa no velho Freud, em geral se toma como ponto de partida seu pessimismo em relação à velhice, esquecendo-se que aquilo que poderia ser nomeado como sua entrada na velhice foi permeada pela vivência de inúmeras e freqüentes perdas, e a presença de um câncer que perdurou por 16 anos.

Em 1919, aos 63 anos, perde sua filha Sophie com 26 anos, e logo depois o pai de Jones. Em 1923, é detectado, a princípio pelo próprio Freud, um tumor maligno em sua mandíbula, sem que nessa época ele saiba de sua gravidade. No mesmo ano, perde seu neto mais querido, filho de Sophie, com apenas quatro anos e meio, de meningite tuberculosa. E, conforme Mannoni[5], confessa sofrer de depressão numa carta a Ferenczi. Em 1926, escreve a Binswanger que não tinha mais prazer em viver[6]. Aos 65 anos, afirma a Ferenczi ter entrado na velhice, data que prenuncia o anúncio de seu câncer dois anos mais tarde. Em direção similar, escreve a Lou Andréas-Salomé:

> Eis aqui alguém que, em vez de trabalhar até a velhice (veja o exemplo a seu lado) e então morrer sem preâmbulos, contrai uma horrível

[4] Segundo Roberto Goldin, o termo eutanásia vem do grego, podendo ser traduzido como "boa morte" ou "morte apropriada". O termo foi proposto por Francis Bacon (1623) em *Historia vitae et mortis*, como sendo o "tratamento adequado das doenças incuráveis". De maneira geral, entende-se por eutanásia quando uma pessoa causa deliberadamente a morte de outra por um outro que não ele mesmo como forma de evitar seu sofrimento causado por um longo período de doença. Ela pode ser ativa, passiva ou por omissão de tratamento. Essa é empregada ainda como utilização dos meios adequados para tratar uma pessoa que está morrendo (http://www.bioetica.ufrgs.br/eutanasi.htm).

[5] Mannoni. *O nomeável e o inominável* (1991, p. 92).

[6] Ibidem.

> doença na metade da vida, tem que ser tratado e operado, desperdiça seu pouco dinheiro [e] rasteja por um tempo indefinido como um inválido [...] Enfrentei as realidades infames, mas não suporto bem a idéia das perspectivas à minha frente, e não consigo habituar-me à idéia de uma vida sob sentença.[7]

Apesar desse insuportável de uma vida sob sentença, dessa "existência ameaçada de demissão", sabemos que Freud jamais deixou de trabalhar e a cada melhora respondia à vida pelo desejo e com atos efetivos que marcaram sua obra.

Não suportar a existência sob "ameaça de demissão", a passagem ao nada ou uma vida sob sentença, foi a maneira freudiana de jamais se ausentar de sua condição de sujeito. Isso está presente desde o início em sua relação com o câncer. Sabe-se que Max Schur o detectou quando Freud se preparava para partir de férias à Itália e resolveu não lhe contar. Ele tem uma hemorragia e retorna imediatamente da viagem. Max Schur lhe confirma o diagnóstico de câncer e os motivos por que não havia lhe contado, ao que lhe responde: "Mas com que direito!"

Para além dos traços fisiológicos ou sociais descritos, a entrada de Freud "na terceira idade" foi permeada por um confronto real de forças que o puxavam para a vida e para a morte. A velhice, todavia, não implica o domínio puro das pulsões de morte, não obstante Freud fizesse por vezes a conjunção entre sua velhice e a queda do desejo.

> Uma crosta de indiferença está lentamente insinuando-se sobre mim: um fato que afirmo sem queixas. É uma evolução natural, uma maneira de começar a ficar inorgânico. O 'desprendimento da velhice', acho que é assim que se chama. Deve estar ligado a um desvio decisivo na relação das duas pulsões postuladas por mim. A mudança que ocorre talvez seja muito notável. Tudo é tão interessante quanto era antes, os ingredientes tampouco muito diferentes. Mas falta uma espécie de ressonância.[8]

Mas que vida tende para a morte? Se cada um morre apenas de seu modo, não existe morte natural; se há uma predominância da pulsão de morte sobre a pulsão de vida, a vida tende para a morte. Em *Além do princípio do prazer*, o tender para a morte põe em circuito a própria vida: "*Si vis pacem, para bellum.* Se queres preservar a paz, prepara-te para a guerra"[9]. Ou, com

[7] Freud. *Freud – Lou- Andréa-Salomé: correspondência completa* (1966, p.178-9). Em 1924, ele já acentuara em outra carta a Lou Andréas-Salomé: "Suportei bem todas as realidades repugnantes, mas aceito mal as possibilidades, não admito facilmente essa existência ameaçada de demissão"

[8] Freud. *Freud – Lou Andréas-Salomé: correspondência completa* (1966, p.178-9).

[9] Freud. Reflexões para o tempo de guerra e morte (1915, p. 339).

São João: "Se queres suportar a vida, prepara-te para a morte"; estejas preparado para aceitar a morte como um limite e uma possibilidade. Nessa direção, suportar a vida é suportar a falta, é suportar o limite ao princípio do prazer, o real, conduzindo-o a algo que não seja a própria morte ou ao gozo mortífero. É no paradoxal dessa empreitada que cada um pode conduzir sua vida a uma morte o mais contingente possível.

Parece-nos que foi essa a direção da eutanásia de Freud, ao indicar a Max Schur em 1929 – dez anos antes de sua morte – que podia suportar dores fortes e odiava tranqüilizantes, mas esperava que o mesmo não lhe deixasse sofrer inutilmente. Em setembro de 1939, em um estado de total deterioração, protegido por um mosquiteiro para evitar o odor terrível que exalava, conforme acordo firmado com Max Schur e sua filha Anna, Freud pede a ele que termine com a tortura.[10]

[10] Mannoni. *O nomeável e o inominável* (1991, p.105)

Temos aí, diante de um destino funesto que perdurou tanto tempo e do qual Freud jamais se esquivou como sujeito analiticamente responsável, uma escolha possível diante do impossível. Em outros termos, a morte e a velhice de Freud foram delineadas por seus traços e sua forma de conduzir o real, e isso faz uma diferença notável na escolha pela eutanásia; eis um sujeito implicado em sua decisão. Nunca é fácil, entretanto, saber do limite e, muito menos, da escolha pela morte real, já que a morte do desejo não assolou a vida de Freud. Assim, a escolha pela eutanásia sempre toca questões éticas importantes que devem ser discutidas.

Como, à luz da experiência de Freud, pensar a eutanásia como um dos caminhos indicados pela nova ciência em resposta ao real de muitas patologias e já em voga em alguns países? O que a difere de outros casos?

No filme *Menina de ouro*, de Clint Eastwood, a protagonista segue seu destino marcado pelos significantes paternos fundamentais: "Nasci com 1,30kg e meu pai dizia que lutei para chegar ao mundo e lutaria para sair". Tornando efetivos os significantes mestres, torna-se uma boxeadora; a "única coisa" que realmente amava na vida. Vivendo sob o império de tudo que toca bem de perto a morte pelas lutas de boxe, é exatamente pela luta derradeira, aquela que a levaria ao reconhecimento mundial, que encontra no real do corpo uma vida amputada de luta.

Com a medula totalmente destruída, sem poder andar, locomover-se, mesmo em cadeiras de roda, respirando apenas artificialmente, ela clama pela eutanásia como forma de morrer ainda sob os últimos traços do reconhecimento do Outro: "Não posso ficar assim, não depois do que vi, vi o mundo. Apareci em revistas, cantaram meu nome..."

Diante da primeira resposta negativa de seu treinador, ela luta por morrer da única maneira possível e ainda disponível: mordendo a própria língua. Da possibilidade da distanásia[11] à eutanásia, o encontro com a morte se faz, então, pelas mãos de seu treinador.

Em *As invasões bárbaras* e outros filmes que recorrem ao tema, a eutanásia se inscreve, ao contrário de *Menina de ouro*, por meio de um ritual entre amigos cuidadosamente preparado, no qual os sujeitos com doenças incuráveis têm o suporte do Outro para uma espécie de suicídio ao avesso. Em *Mar adentro*, ao contrário, o não consentimento judicial do direito à morte leva à eutanásia clandestina. Nesse filme, trata-se de um sujeito que resguarda ainda muito humor para lidar com a situação, faz laços com o Outro, mas com o firme propósito de querer morrer após o cansaço de 28 anos de tetraplesia. Liberdade ou morte? De que escolha se trata nesse caso?

No *Seminário 5*, Lacan acentua que "quanto mais o sujeito se afirma, com ajuda do significante, como querendo sair da cadeia significante, e quanto mais entra e se integra nela, mais ele próprio se torna um signo dessa cadeia. Quando abole a si mesmo, torna-se mais signo do que nunca [...] é a partir do momento em que o sujeito morre que ele se torna, para os outros, um signo eterno, e os suicidas mais do que os outros"[12].

Se isso explica, conforme Lacan, tanto a "beleza horrenda" quanto a "beleza contagiosa" do suicídio, a tentativa dessa passagem ao ato é a de apagar o Outro, enquanto na eutanásia é a presença do Outro no "ato" que busca fazer da morte uma escolha diferente daquela do suicida. Nossa primeira hipótese é de que a presença do Outro na eutanásia é uma tentativa de dar à morte o destino mais pessoal possível, preservando e tentando conferir aos traços o caráter de eternidade, mobilizando-os no momento em que eles poderiam se apagar.

Não podemos, todavia, esquecer-nos que, pelos caminhos da vida, alguns traços se dissipam, se transformam, mas não se eternizam no sujeito. Na eutanásia, a presença do Outro retifica a eternidade – "Não me deixe deitada aqui até não ouvir mais as pessoas cantando"[13]–, enquanto a vida só se faz por novas traduções, transcrições, re-inscrições. Apenas a morte real pode eternizar os traços e, nesse sentido, a eutanásia faz laço com o suicídio. Mas na eutanásia se trata de uma escolha que implica um ato?

Se retomamos a tese lacaniana de que o ato é a leitura do ato, tanto no suicídio quanto na eutanásia quem lê não é o sujeito, portanto não lhe aportam nenhuma modificação. Nessa direção, Lacan é incisivo ao afirmar o caráter revolucionário e cria-

[11] A distanásia consiste em atrasar a morte o máximo possível, com todos os meios disponíveis, mesmo sem esperança de cura. Isso significa muitas vezes um sofrimento adicional para o doente. É também chamada de "intensificação terapêutica"

[12] Lacan. *O Seminário – livro 5. As formações do inconsciente* (1957-8, p. 254).

[13] Do filme *Menina de Outro*, de Clint Eastwood.

dor do ato, e evocar nesse momento o mito da criação (não há começo sem ato). Freud não marcou a história da psicanálise e não revolucionou todo um pensamento depois dele pela escolha da eutanásia, pois "a eficiência de um ato nada tem a ver com a eficácia de um fazer"[14]. Na eutanásia, trata-se da eficácia do fazer. Não obstante, não podemos dizer que Freud "não estava nem aí" na decisão pela eutanásia.

[14] Lacan. *O seminário: O ato analítico* (1967-8), (Inédito, aula de 6 de dezembro de 1967).

O retorno à experiência de Freud nesse momento em que a ciência debate a questão da eutanásia busca delimitar seu caráter de exceção: ali sempre esteve presente um sujeito implicado em seu desejo e suas escolhas. Vale lembrar a esse respeito a fórmula do ato no verso de Rimbaud proposta por Lacan:

> Um golpe de teu dedo sobre o tambor descarrega todos os sons e começa uma nova harmonia. Um passo teu é o levantamento de novos homens e a hora em marcha. Tua cabeça se desvia, o novo amor. Tua cabeça se volta, o novo amor[15].

[15] *Ibid.*

Por conseguinte, se algumas escolhas pela eutanásia tocam a escolha fundamental, fazendo valer a tese de que cada um morre de seu próprio modo, a eutanásia não tem a mesma estrutura do ato tal como formalizado por Lacan. O que dizer, então, da eutanásia involuntária e da legalização sobre o direito de vida e morte?

Não se pode desconsiderar que estamos bem longe da morte como "fato natural" e da medicina concebida apenas como cura. Os corpos doentes são isolados e cuidados a partir de mecanismos cada vez mais sofisticados que em geral impõem o afastamento do doente de todos os laços afetivos que o cercam e das decisões do tratamento. As técnicas de prolongamento da vida trazem quase sempre um despojamento total da subjetividade; os sujeitos morrem sozinhos, subtraídos das palavras, das vestes do narcisismo, provocando, muitas vezes, a percepção de um despedaçamento (*morcellement*)[16] corporal. Todo sujeito teme estar nessas condições e isso se acopla freqüentemente ao horror à velhice, já que tantas vezes ela se iguala ao despojamento subjetivo e à decrepitude corporal.

[16] Em francês, *morcellement* conjuga-se com *mort* (morte) e *scellement*: colagem, cimentação.

Tanto a distanásia quanto a eutanásia, portanto, aportam questões atuais à psicanálise, pois tocam diretamente a condição do ser falante. A problemática da legalização da eutanásia está longe de ser uma questão simples, pois confere direito e poder bastante perigoso sobre a vida e a morte. No lugar de escolhas possíveis, pode imperar a soberania do ato médico. Termos como "morte digna" e "liberdade de escolha" não são fáceis de serem interpretados. Um sujeito diante do insuportável pode ter as mais diversas reações, e é sempre muito difícil um prognóstico infalível da doença, já que esta é atravessada por significantes que ultrapassam em muito o saber da ciência.

Igualmente difícil é a escolha pela distanásia, e muitas famílias se vêem diante de casos de doentes terminais, principalmente idosos, impossibilitados de uma resposta diante da questão médica: levamos ao tratamento intensivo ou não?

O caso da Holanda tem sido até agora tomado como referência de uma experiência que alguns países, como os Estados Unidos, querem adotar, mas isso tem causando inúmeros protestos e a criação de associações contra a eutanásia. Regularizada em 2002, mas praticada pelo menos vinte anos antes de forma clandestina, a legalização da eutanásia traz questões bastante sérias, pois, para além da eutanásia voluntária com todas as questões delicadas que só podem ser analisadas caso a caso, persistem numerosos casos de eutanásia involuntária, como a retirada do tratamento sem a permissão do paciente e a overdose de morfina. A eutanásia involuntária atinge tanto doentes em fase terminal e recém-nascidos com má formação quanto crianças com enfermidades graves, idosos e doentes psiquiátricos.

Como, então, determinar a intencionalidade do ato médico, sempre passível de erros de diagnóstico e prognóstico? Que é o impossível da vida quando estão em jogo o sujeito e a pulsão? Como atender a uma demanda de morte sob um estado no qual o sujeito se encontra atravessado pelo real? Se este demanda um tratamento, legalizar essa prática não seria a mais decidida tentativa de apagar todo o real inscrito para o ser falante? A legalização dessa prática com poder absoluto concedido ao ato médico não poderia levar a uma nova hegemonia pela qual seriam eliminados todos os corpos que não respondessem à nova ordem do ideal de saúde? Como separar tal prática do contexto econômico e dos gastos públicos, em especial com relação aos idosos?

Imobilizado, olhando perplexo para o que sua vida havia se tornado, Paulo, 69 anos, afirma ter lido tudo sobre sua doença: esclerose lateral amiotrófica. Ter lido tudo inclui aquilo que o discurso médico descreve como a síndrome tipo ELA: patologia do neurônio motor (atrofias musculares neurogênicas) de etiologia desconhecida, provocando distúrbios caracterizados por fraqueza muscular e atrofia por denervação. Essa fraqueza muscular é progressiva e seguida pela deterioração dos músculos (amiotrófica), começando nas extremidades, usualmente em um lado do corpo (lateral), quando ocorre a paralisia bulbar progressiva (ataca a língua e a glote) e o paciente deixa de mastigar e falar.

Destino traçado por algo irremediável e, pensaríamos, sem saída. Entretanto, apesar de ter lido todas as descrições médicas de sua doença, esse sujeito ainda insiste em traduzir algo do real de sua história. Perdera a fala, com o lado esquerdo de seu corpo

"morto" – Paulo é canhoto –, mas aprendeu a utilizar o lado direito com o qual escrevia. Logo no início do tratamento, sinaliza: "Já li tudo sobre minha doença, mas, do meu fim, eu não sei". Não saber do fim, apesar do destino tão funesto desse tipo de patologia, era ainda poder escrever algo para além daquilo que o discurso e o ato médico prescreviam. Era apostar em alguma escrita para além de toda destituição subjetiva que se apresentava no real do corpo, escrevendo progressiva e dolorosamente a morte. Podemos nos perguntar, portanto, o que faz esse sujeito ainda querer escrever.

O real faz acordar e os efeitos disso são sempre imprevisíveis. Rememorando Lacan, sabemos que o ato expõe a vida. Para além de todas as dificuldades que a prática analítica encontra na condução desse real, "do fim não se sabe". Isso ressoa. Ressoa com tudo que impõe de vida arriscada e de real. Ressoa e faz acordar o discurso analítico pondo-o à prova como tratamento do real. Ressoa na clínica que se suporta no fracasso e se posta na contramão de qualquer resposta hegemônica diante da vida, porque, afinal, da morte nada sabemos.

referências bibliográficas

FREUD, Sigmund. (1896). Carta 52. In: *Edição Standard Brasileira das Obras completas psicológicas de S. Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. Vol. I.

FREUD, Sigmund. (1920). Além do princípio do prazer. In: *Edição Standard Brasileira das Obras completas psicológicas de S. Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. Vol. XVIII.

FREUD, Sigmund. (1966) *Freud – Lou Andréas-Salomé: correspondência completa*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

HOUAISS. *Dicionário eletrônico*, 2001.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 5: As formações do inconsciente* (1957-1958). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

LACAN, Jacques. *O Seminário: O ato psicanalítico* (1967-1968). Inédito.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 17: O avesso da psicanálise* (1969-1970). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

MANNONI, Maud. (1991) *O nomeável e o inominável*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

MUCIDA, Ângela. *O sujeito não envelhece – psicanálise e velhice*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

resumo

A partir das proposições: a velhice é um destino singular e um efeito dos discursos, esse texto pretende retomar o conceito de destino em Freud e escolha em Lacan problematizando a questão da eutanásia tendo como referência o caso Freud.

abstract

From the propositions: the elderliness is a singular destiny and a discourse's effect, this text intents to get back the concept of destiny in Freud and choice in Lacan discussing the problem of euthanasia and having as reference Freud's case.

palavras-chave

destino, escolha, velhice, eutanásia, ato.

key words

destiny, choice, elderliness, euthanasia, act

recebido

01/09/2005

aprovado

22/09/2005